

AGRICULTURA EM SÃO PAULO
Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola

Ano 35

Tomo Único

1988

A EVOLUÇÃO RECENTE DO SETOR DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL⁽¹⁾

Elcio Umberto Gatti⁽²⁾

RESUMO

O trabalho procura traçar um panorama recente da produção brasileira de flores e de plantas ornamentais, particularizando a do Estado de São Paulo. Aspectos da comercialização interna e externa são abordados, incluindo análise da sazonalidade da oferta no mercado atacadista da Cidade de São Paulo, principal centro consumidor do País. Também são analisados os procedimentos burocráticos para exportação e importação de produtos do setor de floricultura e plantas ornamentais.

THE RECENT EVOLUTION OF THE FLOWER MARKET IN BRAZIL

SUMMARY

This paper analyses the recent evolution of the flower marketing and production in Brazil, particularly in the São Paulo State. The internal and foreign trade are also analysed, including the seasonality of the supply in the wholesale market of the São Paulo City. The bureaucratic procedures at the export/import flower process is examined, too.

1 - INTRODUÇÃO

As exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais, em 1986, se aproximaram do expressivo valor de 6 milhões de dólares, embora o Brasil participe apenas de forma marginal de um mercado mundial que atingiu, em 1985, cerca de 1,4 bilhões de dólares.

Informações a respeito desse setor da agricultura são raras e, geralmente, tratadas como de pouca importância. No entanto, em 1985, segundo dados da Carteira do Comércio Exterior (CACEX) do Banco do Brasil S.A (3), esse tópico – plantas vivas e produtos da floricultura – participava com 0,02% do total das receitas advindas das exportações, percentual próximo de outros itens considerados importantes, tais como legumes e hortaliças (0,04%),

produtos das indústrias de moagem, malte, etc. (0,03%), matéria para trançaria (0,01%), entre outros, para citar apenas aqueles participantes do grupo do reino vegetal (31,87%).

Essa inexistência de informações de caráter econômico, aliás, tem sido notada não apenas por produtores, como também por técnicos da área de pesquisa, MATTHES (16).

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo traçar um breve panorama da produção brasileira, particularizando a paulista, da comercialização interna e externa dos produtos da floricultura, bem como comentar os procedimentos burocráticos necessários para exportação e importação desses produtos.

⁽¹⁾ O autor agradece as críticas e sugestões de Celuta M.C. Machado e a colaboração de Arnaldo Lopes Junior e Antonio Roger Mazzei, nos trabalhos de cálculos e plotagem dos gráficos. Recebido em 09/11/88. Liberado para publicação em 06/04/89.

⁽²⁾ Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

2 - TRATAMENTO DOS DADOS DISPONÍVEIS

A disponibilidade de informações estatísticas sobre a produção de flores e de plantas ornamentais, como frisado anteriormente, é pequena.

As estatísticas da produção brasileira, fornecidas pelos Censos Agropecuários da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) são por demais agregadas. O Censo Agropecuário de 1980 (7) informa apenas aspectos da produção do subsetor produtor de flores e do subsetor produtor de plantas ornamentais, enquanto que o de 1970 não desagrega essas informações do mesmo modo, fornecendo somente dados sobre a produção de flores, dificultando as possíveis comparações.

O Censo Agropecuário de 1980 (8) informa, ainda, aspectos da condição dos produtores, em termos de direitos sobre a terra de cultivo, do tamanho das propriedades dedicadas à floricultura, além do número de produtores e do valor dessa produção em nível de municípios, Estados e Regiões do País.

As estatísticas de comércio exterior dos produtos da floricultura estão disponíveis nos anuários sobre o comércio exterior da CACEX (9), e seguem a classificação sugerida pela nova Nomenclatura Brasileira de Mercadorias (NBM), baseada na Classificação Uniforme para o Comércio Internacional (CUCI), objetivando a comparabilidade internacional sugerida pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Desse modo, os dados estatísticos sobre as exportações de produtos da floricultura encontram-se enquadrados na seção Produtos do Reino Vegetal e são agrupados da seguinte forma, seguindo-se a codificação utilizada pela CACEX:

Cap. 6 - Plantas vivas e produtos da floricultura.

06.01.00.00 - Bulbos; cebolas; tubérculos; raízes tuberosas; rebentos e rizomas, em repouso vegetativo, em vegetação, ou em flor.

- 06.01.01.00 - De plantas não ornamentais.
- 06.01.02.00 - De plantas ornamentais.
- 06.01.02.01 - Bulbos de begônia, gladiolo e gloxínia.
- 06.01.02.02 - Bulbos de outras flores.
- 06.01.02.99 - Qualquer outro.
- 06.02.00.00 - Outras plantas e raízes vivas, inclusive as mudas, as estacas e os enxertos.
- 06.02.01.00 - Mudas.
- 06.02.01.01 - De vinha
- 06.02.01.02 - De cana-de-açúcar.
- 06.02.01.03 - De noqueira.
- 06.02.01.04 - De orquídeas.
- 06.02.01.05 - De café.
- 06.02.01.06 - De plantas ornamentais, exceto orquídeas.
- 06.02.01.99 - De qualquer outra planta.
- 06.02.02.00 - Alporques, estacas, enxertos e garfos.
- 06.02.02.01 - De oliveira
- 06.02.02.02 - De vinha
- 06.02.02.03 - De macieira.
- 06.02.02.04 - De dracena.
- 06.02.02.99 - De qualquer outra planta.
- 06.02.99.00 - Outras
- 06.03.00.00 - Flores e botões de flores, cortados, para buquês, ou para ornamentos, frescos, secos, branqueados, tintos, impregnados ou de outro modo preparados.
- 06.03.01.00 - Flores e botões de flores, secos, para ornamentação.
- 06.03.01.01 - Não montadas.
- 06.03.01.02 - Montadas em cestas, coroas, ramalhetes e semelhantes
- 06.03.02.00 - Flores e botões de flores, frescos, não montados.
- 06.03.02.01 - Rosas.
- 06.03.02.02 - Gladiolos.
- 06.03.02.99 - Qualquer outra.
- 06.04.00.00 - Folhagens, folhas, ramos e outras partes de plantas, ervas, musgos e líquens, para buquês ou para ornamentos, frescos, secos, branqueados, tintos, impregnados ou de outro modo prepara-

dos, com exclusão de flores e botões da posição 06.03.00.00.

A partir dessa classificação, procurou-se trabalhar os itens de modo a facilitar a comparação e a análise. Eliminaram-se aqueles que não faziam parte do setor referente à floricultura e reagruparam-se outros, principalmente os que não especificavam de modo claro a que se referiam.

Nesse reagrupamento, foram considerados dois grandes itens:

- a) exportações de flores e produtos da floricultura, compreendendo os seguintes sub-itens: rosas; gladiolos; outras flores frescas; flores secas avulsas ou montadas em arranjos e folhagens secas e frescas para arranjos;
- b) exportações de bulbos e mudas de plantas ornamentais, compreendendo os seguintes sub-itens: bulbos de begônia, gladiolo e gloxínia; bulbos de outras flores; mudas de dracenas e mudas de outras plantas ornamentais.

Quanto às informações referentes ao comércio internacional de flores e de plantas ornamentais, utilizaram-se aquelas publicadas pelas Nações Unidas (15) no "International Trade Statistics Yearbook", constantes do item "cut flowers and foliage". Esse item agrupa diversos tipos de flores de corte, frescas e secas, e também folhagens para ornamentação. Não foi possível utilizar os dados referentes ao comércio de bulbos e de plantas vivas ("live plants, bulbs, etc") por estes englobarem também plantas não ornamentais.

Especificamente para o Estado de São Paulo, existem informações com certo detalhe sobre a produção e comercialização interna de flores e de algumas plantas ornamentais.

Dados sobre produção, principalmente de flores de corte, não publicados, estão disponíveis a partir dos levantamentos de campo do Instituto de Economia Agrícola (IEA) e da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Esse levantamento de campo, denominado "subjetivo", é realizado nos meses de abril e novembro, através de questionários, pelos agrônomos das Casas de Agricultura de

572 municípios do Estado e fornece informações sobre a produção de flores, em termos da área plantada e quantidade produzida, para as seguintes espécies: rosas, gladiolos, cravos, crissântemos, gipsófitas e antúrios.

Com relação às informações sobre a comercialização interna, utilizou-se daquelas referentes ao comércio realizado no Entrepósito Terminal de São Paulo (ETSP), da Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), divulgadas através de seus Boletins Estatísticos Mensais e Anuais (5), que refletem as quantidades comercializadas, os preços médios e a origem de diversos tipos de flores.

A partir desses dados, calculou-se, através do método da média geométrica móvel centralizada, índices sazonais de preços vigentes e de quantidades mensalmente comercializadas de algumas flores, no ETSP, no período 1983-87, segundo o método descrito por CROCOMO & HOFFMANN (12) e HOFFMANN (14). A partir desses índices, poderá ser analisada a variação estacional desse comércio no mercado atacadista da cidade de São Paulo, principal centro consumidor desses produtos no Brasil.

3 - A PRODUÇÃO BRASILEIRA RECENTE

3.1 - Caracterização dos Produtores

Segundo o Censo Agropecuário de 1980 (8), os produtores brasileiros de flores de corte, em sua grande maioria (73%), apresentavam-se como proprietários das terras que cultivavam, acompanhados pelos produtores ocupantes (14%), arrendatários (8,0%) e parceiros (5%). A situação dos diversos tipos de produtores de plantas ornamentais diferenciava-se ligeiramente, com maior participação dos produtores proprietários (80%) e menor participação dos produtores ocupantes (10%), arrendatários (8%) e parceiros (2%) (quadro 1).

Essa diferença pode ser explicada, em parte, pelas características intrínsecas das duas atividades produtivas. Enquanto muitas das culturas floríferas são de ciclo anual, o cultivo de

QUADRO 1. - Número de Produtores e Valor da Produção de Flores e Plantas Ornamentais, por Condição dos Produtores, Brasil, 1980

Condição do produtor	Flores		Plantas ornamentais		Flores e plantas ornamentais			
	Número de produtores	Valor da produção (Cr\$1.000)	Número de produtores	Valor da produção (Cr\$1.000)	produtores		Valor da produção	
					Número	%	(Cr\$1.000)	%
Proprietário	4.480	1.280.461	2.474	840.862	6.358	74,78	2.121.323	74,05
Arrendatário	510	268.793	257	256.368	698	8,22	525.161	18,33
Parceiro	281	93.798	56	10.013	326	3,83	103.811	3,62
Ocupante	854	65.907	321	48.738	1.120	13,17	114.645	4,00
Total	6.125	1.708.959	3.108	1.155.981	8.502	100,00	2.864.946	100,00

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos de IBGE (8).

plantas ornamentais é, geralmente, de ciclo mais longo, exigindo maiores investimentos em capital fixo nas propriedades sob a forma de estufas, ripados, telados, etc.

Com relação ao tamanho das áreas cultivadas com flores e plantas ornamentais, naquele ano, cerca de 93% dos produtores cultivavam áreas até 50 hectares. Isso significa que essa atividade produtiva demanda pouca terra para cultivo, tal como as demais atividades hortícolas. Embora a forma como é feita a pergunta no levantamento do Censo Agropecuário não possibilite o correto conhecimento do tamanho das propriedades que se dedicam à floricultura, pode-se inferir das informações anteriormente citadas que essa atividade deve predominar em minifúndios (quadro 2).

3.2 - Produção Regional

A produção do setor, de acordo com a mesma fonte de informação (7), concentrava-se nas Regiões Sudeste e Sul do País, as quais englobavam, aproximadamente, 62% do número total de produtores de flores e plantas ornamentais e 92% do valor total dessa produção em 1980 (quadro 3).

Na Região Sudeste, o Estado de São Paulo era o principal produtor com cerca de 19% dos produtores do País e 66% do valor total produzido, seguido pelos Estados do Rio de Janeiro, com 11% dos produtores e 11% do valor total dessa produção e de Minas Gerais (6% do número de produtores e 4% do valor produzido). Na região Sul, o Estado do Rio Grande do Sul ocupava a liderança, com 15% do número de produtores e 4% do valor produzido, seguido pelos Estados do Paraná e Santa Catarina.

Na Região Nordeste, o destaque ficava por conta dos Estados de Pernambuco e Bahia, com percentuais expressivos em termos de número de produtores (14% e 11%, respectivamente) e baixa participação no valor produzido (2,5% e 2%, respectivamente).

Na Região Centro-Oeste, a produção tinha alguma expressão apenas no Distrito Federal.

A produção regional de plantas ornamentais

naquela data mostrava-se ligeiramente mais concentrada nas Regiões Sul e Sudeste (75% em termos do número total de produtores e 94% do valor total) do que a produção de flores ornamentais (57% em termos do número total de produtores e 90% do valor total produzido).

Essa concentração regional se explica, principalmente, pela proximidade dos grandes centros consumidores e das principais vias de exportação, os aeroportos dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Os dados do Censo Agropecuário de 1980 (7 e 8), possibilitaram, ainda o conhecimento dos principais municípios produtores dos diversos Estados.

Desse modo, na Região Sudeste, especificamente no Estado do Rio de Janeiro, a produção concentrava-se nos municípios de Petrópolis (com 34% do valor total da produção estadual), Rio de Janeiro (21%) e Nova Friburgo (17%); no Estado de Minas Gerais, a produção era significativa nos municípios de Barbacena (com 27% do valor total da produção mineira), Matheus Leme (16%), Ressaquinha (9%) e Uberaba (5%), além dos municípios de Passos, Betim e Joaquim Felício (com 4% cada um). O Estado de Minas Gerais é o grande produtor de flores e folhagens secas, item bastante importante na pauta de exportações do setor; essa produção ainda é, em grande parte, predatória e extrativa, proveniente de municípios da região do Alto Jequitinhonha.

Significativa parcela desse material exportado é processada semi-industrialmente na Região da Grande São Paulo e compreende a produção de flores de estáticas e sempre-vivas; flores artesanalmente feitas de sementes; hastes florais de diversas gramíneas secas e tingidas; folhagens secas de Eucalipto cinerea; ramos secos, tingidos ou descoloridos de diversas espécies de samambaias; etc, ACAR (1).

Na Região Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, a produção concentrava-se nos Municípios de Porto Alegre (20%), Osório (14%), São Sebastião do Cai (8%), Viamão (7%), Feliz e Montenegro (5% cada um).

No Estado do Paraná, a produção de flores

QUADRO 2. - Número de Produtores e Valor da Produção de Flores e Plantas Ornamentais, Segundo Grupos de Área Cultivada e Respectiva Participação Percentual, Brasil, 1980

Grupo de área total (ha)	Flores		Plantas ornamentais		Flores e plantas ornamentais			
	Número de produtores	Valor da produção (Cr\$1.000)	Número de produtores	Valor da produção (Cr\$1.000)	Produtores		Valor da produção	
					Número	%	(Cr\$1.000)	%
Menos de 10	4.228	710.785	2.126	617.014	5.842	68,72	1.327.808	46,35
Menos de 1	1.043	52.908	640	174.165	1.504	17,69	227.074	7,93
1 a menos de 2	747	87.767	284	125.968	942	11,08	213.735	7,46
2 a menos de 5	1.497	305.230	674	163.143	2.026	23,83	468.374	16,35
5 a menos de 10	941	264.880	528	153.737	1.370	16,12	418.625	14,61
10 a menos de 100	1.696	686.495	790	474.917	2.288	26,91	1.161.414	40,54
10 a menos de 20	797	305.560	373	160.346	1.084	12,75	465.907	16,26
20 a menos de 50	739	291.472	295	174.318	952	11,20	465.791	16,26
50 a menos de 100	160	89.463	122	140.252	252	2,96	229.716	8,02
100 a menos de 1.000	118	217.413	109	47.971	213	2,51	265.385	9,27
1.000 a menos de 10.000	14	86.358	15	13.167	25	0,29	99.526	3,47
10.000 e mais	-	-	1	100	1	0,01	100	0,00
sem declaração	69	7.899	67	2.811	133	1,56	10.710	0,37
Total	6.125	1.708.950	3.108	1.155.983	8.502	100,00	2.864.943	100,00

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos de IBGE (8).

QUADRO 3. - Número de Produtores e Valor da Produção de Flores e Plantas Ornamentais, por Regiões e Principais Estados Produtores, Brasil, 1980

Regiões e principais Estados produtores	Flores				Plantas ornamentais				Flores e plantas ornamentais			
	Produtores		Valor da prod.		Produtores		Valor da prod.		Produtores		Valor da prod.	
	Nº	%	Cr\$1.000	%	Nº	%	Cr\$1.000	%	Nº	%	Cr\$1.000	%
Norte	223	3,64	16.244	0,95	410	13,19	3.773	0,33	629	7,40	20.018	0,70
Pará	221	3,61	16.236	0,95	407	13,10	3.517	0,30	624	7,34	19.754	0,69
Nordeste	2.368	38,66	126.465	7,40	281	9,04	16.718	1,45	2.499	29,39	143.183	5,00
Ceará	22	0,36	5.945	0,35	40	1,29	5.686	0,49	46	0,54	11.631	0,40
Pernambuco	1.220	19,92	69.581	4,07	26	0,84	1.076	0,09	1.233	14,50	70.757	2,47
Bahia	865	14,12	46.225	2,70	110	3,54	6.520	0,56	911	10,72	52.745	1,84
Sudeste	2.305	37,63	1.428.704	83,60	1.238	39,83	917.159	79,34	3.210	37,76	2.345.863	81,88
Minas Gerais	428	6,99	100.723	5,89	179	5,76	30.797	2,66	541	6,36	131.520	4,59
Rio de Janeiro	725	11,84	130.479	7,63	294	9,46	178.934	15,48	955	11,23	309.413	10,80
São Paulo	1.051	17,16	1.195.116	69,93	744	23,94	706.330	61,10	1.602	18,84	1.901.447	66,37
Sul	1.177	19,22	115.171	6,74	1.100	35,40	170.458	14,74	2.063	24,26	285.630	9,97
Paraná	169	2,76	20.012	1,17	166	5,34	71.392	6,18	285	3,35	91.404	3,19
Sta. Catarina	191	3,12	34.546	2,02	350	11,26	53.771	4,65	490	5,76	88.318	3,08
Rio Grande do Sul	817	13,34	60.612	3,55	534	17,19	45.295	3,92	1.288	15,15	105.907	3,70
Centro-Oeste	52	0,85	22.376	1,31	79	2,54	47.872	4,14	101	1,19	70.249	2,45
Mato Grosso do Sul	11	0,18	4.293	0,25	14	0,45	8.563	0,74	18	0,21	12.857	0,45
Distrito Federal	25	0,41	17.448	1,02	34	1,09	33.980	2,94	43	0,51	51.428	1,80
Brasil	6.125	100,00	1.708.960	100,00	3.108	100,00	1.155.981	100,00	8.502	100,0	2.864.943	100,00

Agricultura em São Paulo 35 (1) p.123-147 1988

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA) a partir de dados básicos de IBGE (7).

e plantas ornamentais era significativa nos seguintes municípios: Curitiba (43% do valor total de produção), Cascavel (11%) e Londrina (12%). Finalmente, no Estado de Santa Catarina essas atividades, em termos de valor da produção, concentravam-se nos municípios de Curitiba (25%), Corupá (20%), Indaial (7%) e Criciúma (5%).

Na Região Sudeste, no Estado de São Paulo, a produção distribuía-se nos seguintes municípios: Atibaia (14% do valor da produção de flores e de plantas ornamentais), Casa Branca (9%), Mogi das Cruzes (4,5%), Ibiúna (4%), Parquera-Açú, São Paulo, Jaguariúna e Cosmópolis (3% cada) entre outros.

Dados mais recentes e detalhados do IEA/CATI, não publicados, relativos ao ano agrícola de 1986/87, indicavam os municípios de Atibaia, Guararema, Jacaré, Jaguariúna e Conchal como os principais produtores de rosas do Estado, em termos de área cultivada, com pequenas alterações na ordem de importância frente ao levantamento realizado por CRISCUOLO et alii (10) em 1975. Esses autores apontavam a tendência de diversos agricultores de abandonarem o cultivo da roseira por razões econômicas, partindo para a produção de outras flores.

Os municípios de Paranapanema, Jaguariúna, Santo Antonio de Posse e Itapeva, de acordo com o levantamento IEA/CATI, eram os principais produtores de gladiolos; já a produção de cravos concentrava-se nos municípios de Arujá e Atibaia; a produção de antúrio, nos municípios da região do Vale do Ribeira - Registro e Parquera-açú - e, finalmente, a produção de crisântemos concentrava-se nos municípios de Santo Antonio de Posse, Jacaré, Cotia, Ibiúna e Atibaia, entre outros.

4 - A COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA FLORICULTURA

4.1 - O Comércio Interno

Embora existam poucas informações a res-

peito da comercialização de flores e plantas ornamentais no Brasil, sabe-se que o principal comércio é efetuado junto às capitais e grandes cidades do interior dos Estados.

O comércio de flores e folhagens frescas e cortadas para ornamentação e flores e plantas ornamentais envasadas, nas cidades do interior, muitas vezes é efetuado diretamente entre os produtores e os consumidores, nos próprios estabelecimentos de produção, nas feiras-livres ou, ainda, entre produtores e varejistas, proprietários de lojas de flores.

A comercialização desses mesmos produtos nas capitais e grandes centros consumidores exige, em grande parte, organização dos produtores em cooperativas e realiza-se, principalmente, junto às Centrais de Abastecimento, quando existentes. Também se verifica a participação de produtores vendendo diretamente sua produção e, mesmo, a de terceiros nessas Centrais, quando os custos de transporte são compensatórios.

O comércio de flores e folhagens secas exige a intermediação da manufatura, pois esses produtos passam por processo de secagem, tingimento, branqueamento, etc., nem sempre realizado pelos próprios produtores e/ou coletores.

O comércio desse material é realizado junto às Centrais de Abastecimento das grandes cidades, e, também, em locais de grande afluência turística.

A comercialização interna de bulbos, rizomas, tubérculos e mudas de plantas ornamentais ganha características adicionais à dos produtos anteriormente comentados.

No caso dos bulbos, existem cooperativas de produtores, principalmente da Região Sudeste, vendendo material já embalado e rotulado para comerciantes e produtores das demais regiões do País.

Com relação à venda de plantas ornamentais, há a possibilidade de interação direta produtor-consumidor através da venda pelo correio. Na venda de mudas de orquídeas, rosas e outras plantas ornamentais e de bulbos de gladiolos, hemerocales, amarílis, caládios, etc., já

existem firmas em diversos Estados brasileiros com prática nesse tipo de comércio, envolvendo a colaboração dos serviços de correio. Em São Paulo, as empresas Roselândia Agrícola Ltda, situada no município de Itapevi e Dieberger Agro-Comercial Ltda, situada em Limeira, comercializam mudas e bulbos há bastante tempo, com tradição no ramo.

No caso das mudas de orquídeas, as vendas pelo correio, inclusive as exportações, possibilitaram que as firmas produtoras se localizassem em pontos distantes dos grandes centros. No Estado de São Paulo, são conhecidas as firmas: Orquidário Dracense Ltda, em Dracena; EQUILAB, em Campinas; Chácara Bela Vista Ltda, em Assis; Orquidário Morro Grande Ltda, em Santa Isabel; e Morumby Orchids S.C Ltda, em São Paulo. No Estado do Rio de Janeiro, são tradicionais os estabelecimentos FLORÁCIA, Orquidários Reunidos Ltda., em Niterói, e o Orquidário Binot Ltda, localizado em Petrópolis e criado no século passado, em 1870. Em Santa Catarina, a firma Alvim Seidel-Orquidário Catarinense, em Corupá, foi, por exemplo, fundada em 1906.

Segundo a Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil (CAOB), apenas em São Paulo existem cerca de 60 associações e clubes de orquidófilos reunindo pessoas que têm por passa-tempo colecionar orquídeas. No restante do País, existe número apreciável de associações nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro. O clima do Brasil favorece o cultivo dessas plantas, não exigindo, contrariamente ao que ocorre nos EUA e na Europa, grandes investimentos no aquecimento e controle da umidade e luminosidade das estufas, aliado ao elevado número de espécies da flora, incentiva, sobremaneira, o crescimento desse "hobby". Essas são, pois, características incomuns no mercado da floricultura.

Especificamente sobre o comércio atacadista no Estado de São Paulo, a CEAGESP dispõe de estatísticas detalhadas sobre a comercialização de flores e plantas ornamentais, realizada no Entrepasto Terminal de São Paulo (5). A comercialização desses produtos na CEAGESP

se realiza nas terças e sextas-feiras, entre 9 e 11 horas, atingindo um público bastante diversificado (comerciantes e particulares); recentemente, foi criado um sistema de comercialização nas madrugadas de segundas para terças-feiras (1h30m às 5h30m), denominado "paralela", onde predomina a venda de flores e plantas ornamentais para comerciantes e com destinação para outros Estados.

Esse comércio conta, atualmente, com a participação de perto de 900 permissionários do entreposto, categoria essa que envolve, principalmente, produtores e cooperativas, além de comerciantes de produtos afins.

Essas estatísticas indicam, nos últimos cinco anos, crescimento da quantidade comercializada da maioria das flores e plantas ornamentais e decréscimo nas de antúrios, crisântemos, gladiolos e orquídeas. Em alguns casos, pode-se explicar tal comportamento tendo em vista o alto custo de produção de algumas flores (crisântemos japoneses de flores únicas por cabo, antúrios e orquídeas) relativamente às demais (quadro 4).

A quantidade comercializada na CEAGESP, segundo informações de CASTRO & TUCCI (6), em 1983, representava apenas 20% da produção total de flores do Estado de São Paulo.

Dados específicos sobre a produção e comercialização de rosas no Estado de São Paulo, constantes do trabalho de CRISCUOLO et alii (11), relativos ao ano agrícola 1976/77, indicavam que compradores avulsos adquiriam 29% da produção total do Estado, floriculturas 22%, cooperativas 15%, sendo que a quantidade destinada a outros Estados atingia 8% e as perdas 3%.

Dados mais antigos de MIRANDA (19), relativos a 1970, apontavam que na CEAGESP eram comercializadas cerca de 40% da produção de cravos do Estado; 10% a 20% da produção de rosas e 30% a 40% da produção de gladiolos.

Como o número de permissionários ou de vendedores de produtos da floricultura tem aumentado no transcorrer dos anos no Entrepasto Terminal de São Paulo, pode-se inferir que esses índices tenham crescido, principalmente

QUADRO 4. - Quantidade Comercializada de Flores e Folhagens Ornamentais na Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo, 1983-87

Flores e folhagens	Unidade	1983	1984	1985	1986	1987
Flores naturais						
Antúrio	dúzia	80.193	37.036	81.507	36.067	30.914
Boca de leão	maço	3.490	20.158	62.590	48.758	69.507
Gipsofila	maço	571.072	811.255	1.067.111	1.276.044	1.305.605
Copo de leite	dúzia	566	472	6.703	12.413	24.584
Cravina	maço	10.377	6.902	71.007	27.402	15.293
Cravo	dúzia	278.724	271.458	326.708	331.392	177.950
Cravo de defunto	maço	7.161	3.764	14.527	15.294	24.335
Crisântemo	maço	8.048.646	8.322.447	9.074.340	9.573.315	11.169.025
Crisântemo	vaso	-	-	400.655	1.147.712	787.671
Crisântemo japonês	dúzia	31.310	16.038	31.174	26.721	13.898
Estátice	maço	2.760	6.068	84.753	108.320	81.132
Estrelícia	dúzia	133.805	130.226	150.238	130.297	116.006
Flor de pêssego	maço	213	4.460	12.842	22.449	9.846
Gérbera	maço	23.075	17.797	53.042	30.348	14.268
Gladiolo	maço	3.352.208	1.021.371	743.021	690.308	877.306
Lírio	dúzia	25.200	67.714	130.516	71.951	72.225
Margarida	maço	67.740	63.671	92.239	72.341	109.324
Mistura de flores	maço	471.431	813.133	1.315.209	789.105	493.069
Orquídea	dúzia	10.909	9.903	3.522	4.357	7.944
Rainha-margarida	maço	9.952	8.299	14.670	59.768	10.500
Rosa	dúzia	3.993.464	3.739.542	4.414.839	4.772.791	4.487.888
Flores secas						
Flor de trigo	maço	13.571	20.412	55.305	74.362	99.747
Sempre-viva	dúzia	34.279	19.337	77.269	89.389	26.720
Folhagens						
Dracena	maço	13.971	32.029	128.148	133.819	94.101
Eucalipto cinerea	maço	86.543	42.540	35.896	41.127	46.535
Samambaia	maço	2.148.876	1.945.846	2.968.717	3.285.321	3.269.443

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos de CEAGESP (5).

tendo em vista os dois dias da semana estabelecidos para a comercialização de flores e plantas e, também, a criação da comercialização "paralela".

4.1.1 - Variação estacional do comércio de flores

Os índices sazonais para os preços médios praticados e as quantidades comercializadas de algumas flores, calculados a partir das informações básicas referentes ao período 1983-87, coletadas junto aos boletins mensais da CEAGESP (5), permitiram verificar os meses de escassez ou abundância desses produtos no mercado atacadista da cidade de São Paulo (quadro 5).

No caso do comércio de rosas, nota-se que de junho a setembro (inverno) aportam ao mercado quantidades inferiores que nos demais meses.

Quantidades acima da média ocorrem em maio e no período de outubro a janeiro; esses períodos de maior afluência de flores cortadas ao mercado coincidem com datas comemorativas de grande demanda por esses produtos – Dia das Mães, em maio; Finados, em novembro e Natal, em dezembro – e também com o período de maior produção de rosas que, segundo CRISCUOLO et alii (11), vai de setembro a fevereiro (primavera/verão). Os preços praticados são mais elevados no período de escassez do produto (inverno), com auge em agosto. Preços inferiores ocorrem no período de maior oferta, janeiro a março (figura 1).

A comercialização de gladiolos apresenta também características sazonais; as quantidades ofertadas no mercado são superiores à quantidade média no ano, em maio, outubro e novembro. Novamente aqui prevalece a maior demanda nas datas comemorativas. Sendo o gladiolo planta herbácea cujo ciclo produtivo varia de 60 a 90 dias e, portanto, passível de ser produzida durante todo o ano nas condições do Estado de São Paulo, os agricultores programam a oferta diferenciada para os meses de maior procura.

Os preços dos gladiolos não apresentaram variações significativas diferentes da média no

transcorrer do ano e isso pode ser explicado pela oferta regular e, principalmente, pelo papel estabilizador de preços representado por uma associação de agricultores, a Cooperativa Holambra-I, que arregimenta grande número de produtores de flores no Estado (figura 2).

Com relação ao comércio de cravos, grandes quantidades chegam ao mercado entre novembro e janeiro (primavera e início de verão) e pequenas quantidades entre abril e julho, exceto a pequena reação em maio, para atender a maior demanda. Os preços acompanham as leis de mercado, com valores elevados nos meses de inverno e próximos da média nos meses de maior oferta. Sendo o cravo, planta herbácea de origem mediterrânea e de difícil cultivo nos trópicos devido às suas exigências climáticas, principalmente referentes à temperatura, ele é cultivado no Estado de São Paulo quase sempre em estufas, em regiões de altitude elevada (22); nesse sentido, embora passível de ser produzida em qualquer época do ano, sua oferta no mercado tem sido, marcadamente, sazonal e seu custo de produção elevado frente a outras flores, pois é bastante exigente em mão-de-obra no seu trato (figura 3).

A oferta de crisântemos no mercado atacadista da cidade de São Paulo é relativamente estável no transcorrer do ano, com menor oferta em fevereiro (pleno verão) e ofertas inferiores à média do ano, entre maio e outubro, pelos mesmos motivos apontados nos casos anteriores – maior demanda em datas comemorativas. Do mesmo modo que os gladiolos, os preços dos crisântemos não apresentaram variações significativamente diferentes da média no transcorrer do ano; isso pode ser explicado pela oferta regular, pois os crisântemos são passíveis de produção em todas as estações do ano, já que são conduzidos em estufas, semi-estufas ou telados e, também, são comercializados sob diversas formas no mercado, quais sejam: crisântemos multiflores cortados em maços, crisântemos multiflores plantados em vasos e crisântemos uniflores cortados e vendidos em dúzias, também conhecidos como crisântemos japoneses (figura 4).

QUADRO 5. - Índices Sazonais de Preços Médios Correntes e de Quantidades Médias Comercializadas de Algumas Flores, CEAGESP, São Paulo, 1983-87

Mês	Rosas		Gladiolos		Cravos		Crisântemos		Antúrios	Orquídeas
	Preço ⁽¹⁾	Quantidade ⁽¹⁾	Preço ⁽²⁾	Quantidade ⁽¹⁾	Preço ⁽¹⁾	Quantidade ⁽¹⁾	Preço ⁽²⁾	Quantidade ⁽¹⁾	Quantidade ⁽³⁾	Quantidade ⁽³⁾
Jan.	62	109	97	99	97	133	97	83	115	53
Fev.	60	89	98	73	82	91	100	75	81	89
Mar.	63	100	96	79	79	86	85	99	80	237
Abr.	75	97	93	81	82	67	78	105	119	104
Mai.	104	127	105	119	97	94	77	132	172	145
Jun.	121	83	94	77	119	70	98	86	97	118
Jul.	131	77	99	90	113	65	128	87	87	49
Ago.	178	71	115	98	116	98	121	87	70	36
Set.	151	85	105	99	110	105	121	95	51	133
Out.	103	119	102	180	103	113	118	146	93	165
Nov.	71	113	95	108	100	143	84	98	89	36
Dez.	81	130	101	97	102	135	93	107	146	35

⁽¹⁾ Valor calculado de F significativo a nível de 1% de probabilidade.

⁽²⁾ Valor calculado de F não significativo a nível de 1% de probabilidade.

⁽³⁾ Valor calculado de F significativo a nível de 5% de probabilidade.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA) a partir de dados básicos de CEAGESP (5).

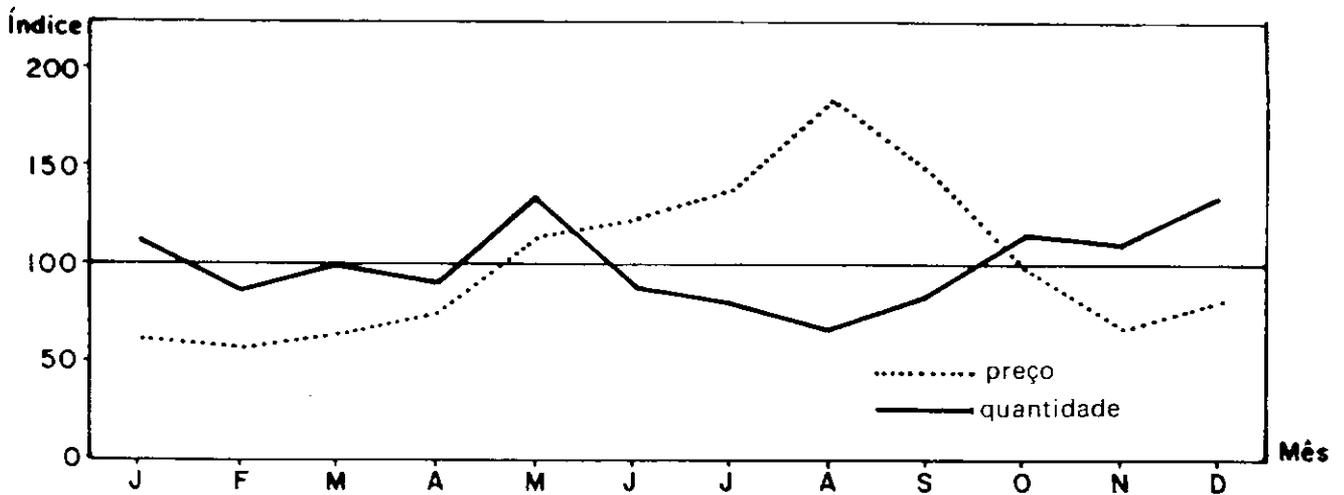


FIGURA 1. - Variação Estacional dos Índices de Preços e de Quantidades de Rosas Comercializadas na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (5).

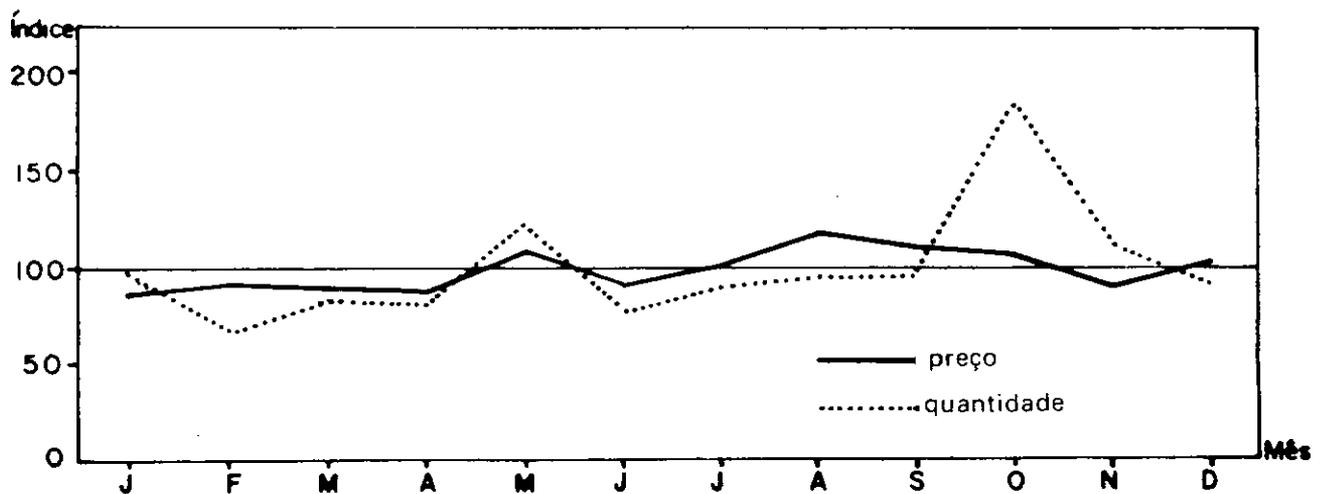


FIGURA 2. - Variação Estacional dos Índices de Preços e de Quantidades de Gladiolos Comercializados na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (5).

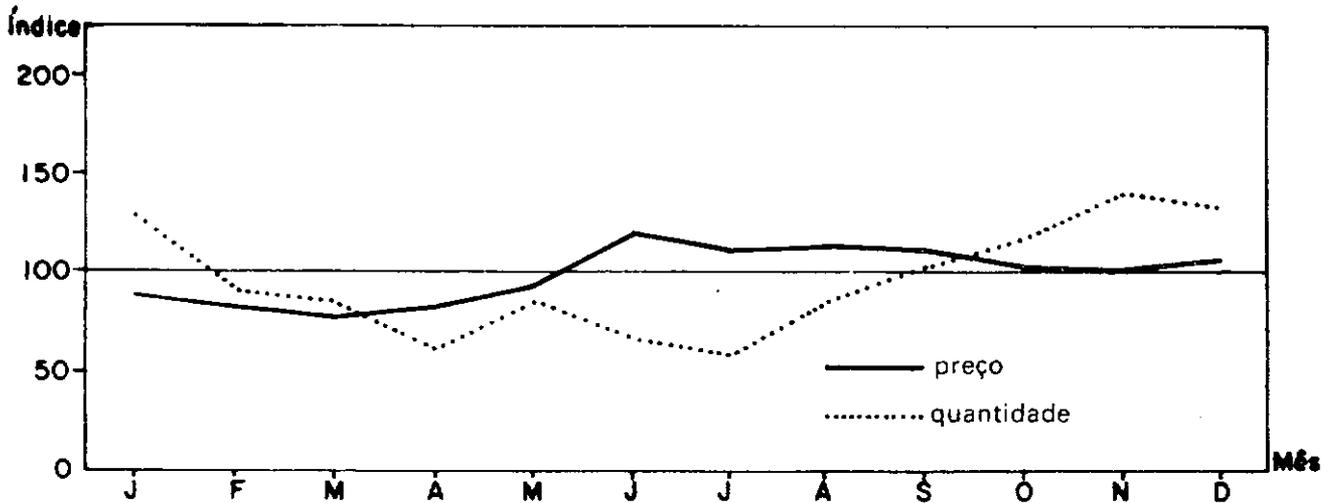


FIGURA 3. - Variação Estacional dos Índices de Preços e de Quantidades de Cravos Comercializados na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (5).

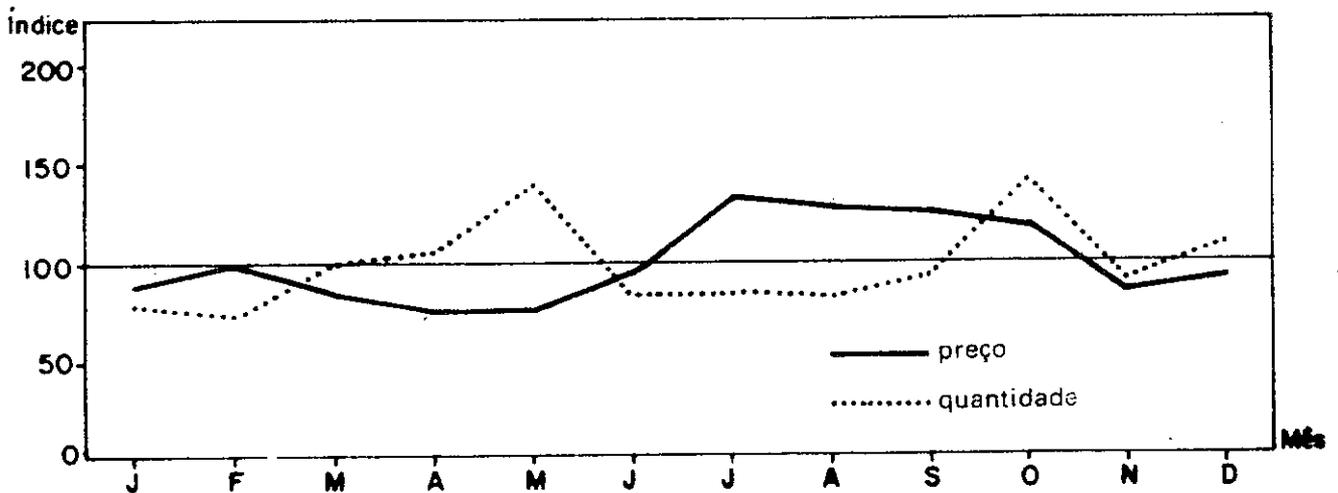


FIGURA 4. - Variação Estacional dos Índices de Preços e de Quantidades de Crisântemos Comercializados na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (5).

Sob essa última forma, os preços de mercado são mais elevados, pois exige muita mão-de-obra em sua produção nas tarefas, entre outras, de podas, condução e acondicionamento do produto final.

Para antúrios e orquídeas só foi possível calcular os índices sazonais referentes às quantidades comercializadas mensalmente na CEA-GESP, dada a inexistência ou irregularidade das informações dos preços praticados. Com relação aos antúrios, afluem grandes quantidades ao mercado em abril/maio e dezembro/janeiro. Essa flor é cultivada na Região do Vale do Ribeira, no Litoral Sul do Estado de São Paulo. Embora passível de ser produzida durante todo o ano, se conduzida em ambiente controlado, seu cultivo é realizado nessa região apenas sob telados que propiciam 70% a 80% de sombra.

Esforços na seleção de variedades de antúrios e de aprimoramento das técnicas de cultivo têm sido feitos pelos pesquisadores do Instituto Agrônomo e poderão melhorar a sua produção, tanto no sentido de estabilização da oferta quanto da qualidade das flores, atributo indispensável para a exportação (figuras 5 e 6).

As flores de orquídeas são encontradas em maiores quantidades no mercado em março-junho (outono) e setembro-outubro (primavera), coincidindo com as épocas de floração de importantes espécies da flora brasileira - a *Cattleya labiata* Lindl., e seus híbridos de floração outonal, proveniente da região Nordeste do País, e a *Laelia purpurata* Lindl., e suas belíssimas variedades que florescem na primavera das Regiões Sul e Sudeste⁽³⁾.

4.2 - O Comércio Exterior

Em um mercado exportador que em 1985 aproximava-se de 1,4 bilhão de dólares (15) o Brasil exportava apenas cerca de 5,7 milhões de dólares ou 0,4% desse total, embora com participação crescente em relação aos anos anteriores. Os principais países exportadores de flores e plantas ornamentais nesse mesmo ano eram

Holanda (54,4%), Colômbia (14,5%), Itália (6,1%) e Israel (4,8%); os principais importadores eram Alemanha Ocidental (35,7%), Estados Unidos da América (21,7%), França (6,7%), Reino Unido (6,6%) e Suíça (4,9%).

A Holanda tem participação expressiva também nas importações, funcionando, pois, como um mercado intermediário para os demais países da Europa. Na localidade de Aalsmeer, próxima a Amsterdam, realiza-se um leilão de flores e plantas ornamentais considerado o maior do mundo, movimentando, anualmente, cerca de 400 milhões de dólares. A exportação holandesa de flores por via aérea desenvolveu-se a partir dos anos 30; atualmente aquele país fornece flores frescas na primavera para Nova Iorque, Londres e outras grandes cidades da Europa, com uma rapidez e desembaraço alfandegários que demonstram a importância desse item de exportação para a economia dos Países Baixos (4) (quadros 6 e 7).

As exportações brasileiras de flores e folhagens recém-cortadas ou frescas e daquelas que sofreram processo de secagem atingiram, em 1987, a cifra de 2,6 milhões de dólares, quantia essa estável, tendo em vista o comportamento dos últimos cinco anos (quadro 8).

Analisando os diversos sub-itens, verifica-se que as exportações da maioria dos produtos é crescente, excetuando-se as de gladiolos. Com relação a gladiolos, particularmente, e de acordo com informações de técnicos ligados à Cooperativa Agro-Pecuária Holambra I, situada no município de Jaguariúna, do Estado de São Paulo, uma das principais exportadoras do ramo, a exportação brasileira tem decrescido em função das poucas variedades em cultivo, atualmente, no Brasil (perto de uma dúzia de variedades) e da flexibilidade e dinamicidade da demanda nos diversos países europeus importadores, pois na Comunidade Econômica Européia (CEE) são comercializadas perto de trezentas variedades de gladiolos de diferentes formas, tamanhos, cores e durabilidades.

Nas décadas de sessenta e de setenta,

⁽³⁾ Ver em detalhes o trabalho de DECKER (13).

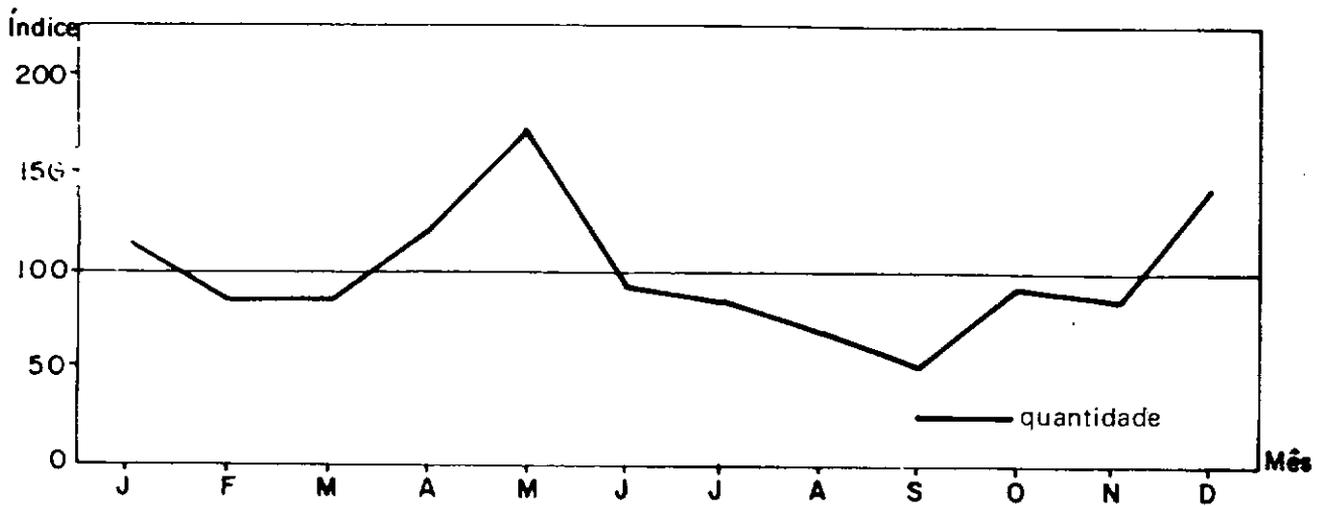


FIGURA 5. - Variação Estacional dos Índices de Quantidades de Antúrios Comercializados na CEAGESP, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (5).

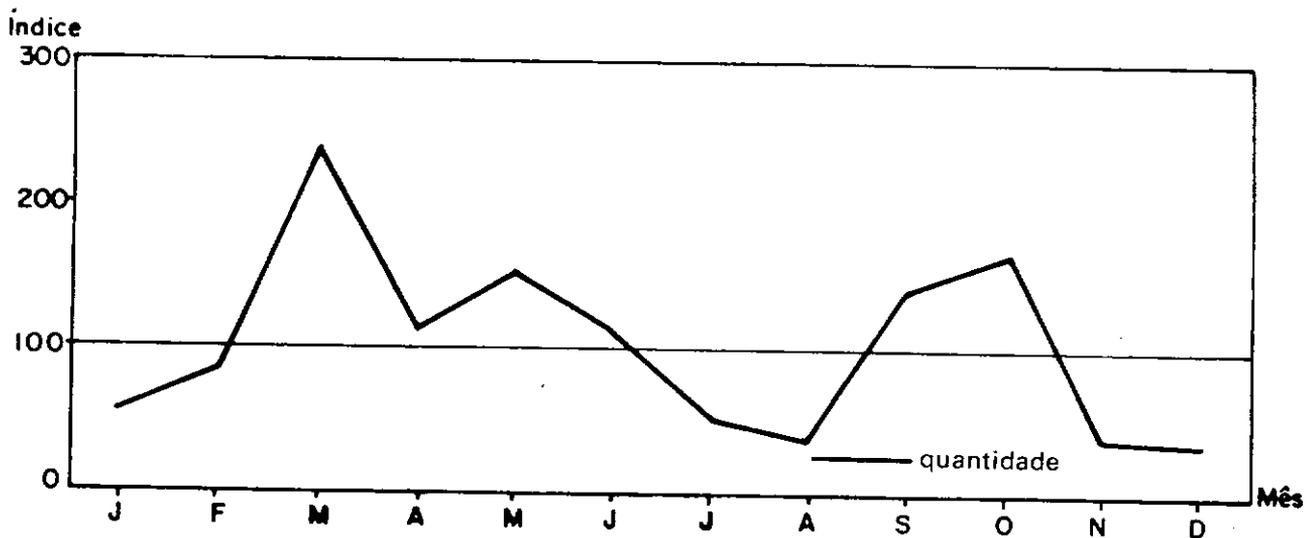


FIGURA 6. - Variação Estacional dos Índices de Quantidades de Orquídeas Comercializadas na CEAGESP, São Paulo, 1983-87.

Fonte: Elaborada no Instituto de Economia Agrícola a partir de dados básicos da CEAGESP (5).

QUADRO 6. - Principais Países Exportadores de Flores e Folhagens Ornamentais Cortadas, 1983-85

(em US\$1.000 FOB)

País	1983		1984		1985	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Holanda	702.890	56,7	706.127	55,6	748.978	54,4
Colômbia	120.557	9,6	129.495	10,2	198.941 ⁽¹⁾	14,5
Itália	106.852	8,6	100.064	7,9	83.796	6,1
Israel	73.238	5,9	65.142	5,1	65.652	4,8
EUA	36.844	3,0	35.079	2,8	27.134	2,0
África do Sul	29.361 ⁽¹⁾	2,4	24.179 ⁽¹⁾	1,9	16.245 ⁽¹⁾	1,2
Espanha	19.451	1,6	23.634	1,9	23.751	1,7
Tailândia	15.822	1,3	16.759	1,3	31.486	2,3
Quênia	8.405	0,7	19.042 ⁽¹⁾	1,5	16.882 ⁽¹⁾	1,2
Rep. Fed. Alemanha	8.728	0,7	10.540	0,8	10.580	0,8
Costa Rica	5.066 ⁽¹⁾	0,4	7.841 ⁽¹⁾	0,6	9.641 ⁽¹⁾	0,7
Peru	3.454 ⁽¹⁾	0,3	4.371 ⁽¹⁾	0,3	8.100 ⁽¹⁾	0,6
Brasil	2.392	0,2	4.413 ⁽¹⁾	0,4	5.410 ⁽¹⁾	0,4
Outros	107.428	8,6	123.484	9,7	129.495	9,3
Total mundial	1.240.488	100,0	1.270.170	100,0	1.376.091 ⁽¹⁾	100,0

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA) a partir de dados básicos de INTERNATIONAL TRADE STATISTICS YEARBOOK (15).

QUADRO 7. - Principais Países Importadores de Flores e Folhagens Ornamentais Cortadas, 1983-85

(em US\$1.000 CIF)

País	1983		1984		1985	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Rep. Fed. Alemanha	598.084	43,4	570.854	39,5	520.766	35,7
EUA	218.281	15,8	295.928	20,5	317.060	21,7
França	88.433	6,4	86.074	6,0	98.287	6,7
Holanda	72.322	5,2	83.031	5,7	73.569	5,0
Reino Unido	73.042	5,3	79.053	5,5	96.846	6,6
Suíça	72.680	5,3	70.302	4,9	71.535	4,9
Áustria	45.854	3,3	41.910	2,9	42.919	2,9
Suécia	33.618	2,5	33.139	2,3	34.494	2,4
Canadá	30.618	2,2	35.017	2,4	31.110	2,1
Bélgica/Luxemburgo	28.982	2,1	28.076	1,9	27.219	1,9
Itália	25.356	1,8	25.367	1,8	40.449	2,8
Japão	18.478	1,3	20.834	1,4	24.341	1,8
Noruega	14.349	1,0	14.420	1,0	15.048	1,0
Dinamarca	12.352	0,9	13.889	0,9	16.694	1,2
Outros	47.236 ⁽¹⁾	3,5	47.183 ⁽¹⁾	3,3	48.145 ⁽¹⁾	3,3
Total mundial	1.379.685	100,0	1.445.077	100,0	1.458.482	100,0

⁽¹⁾ Dados preliminares.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA) a partir de dados básicos de INTERNATIONAL TRADE STATISTICS YEARBOOK (15).

QUADRO 8. - Valor das Exportações Brasileiras de Flores e Produtos da Floricultura por Principais Países Importadores, 1983-87

(em US\$1.000 FOB)

Produto e País importador	1983		1984		1985		1986		1987 ⁽¹⁾	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Rosas										
Rep. Fed. Alemanha	9,5	0,4	54,4	2,1	193,4	6,3	267,2	8,8	181,7	7,0
Holanda	-	-	-	-	5,0	0,1	43,1	1,4	40,6	1,6
EUA	4,4	0,2	8,6	0,3	18,9	0,6	30,8	1,0	5,1	0,2
Itália	24,8	1,0	10,6	0,4	21,1	0,7	11,0	0,4	0,3	0,0
Áustria	13,5	0,6	-	-	7,3	0,2	6,9	0,2	1,3	0,0
Outros	11,0	0,4	3,0	0,1	13,0	0,4	24,2	0,8	9,2	0,3
Subtotal	63,2	2,6	76,6	2,9	258,7	8,4	383,2	12,7	238,2	9,2
Gadíolos										
Itália	281,6	11,8	87,0	3,3	214,5	7,0	111,5	3,7	42,3	1,6
Reino Unido	161,3	6,7	138,4	5,3	88,1	2,9	93,3	3,1	46,7	1,8
EUA	8,1	0,3	21,7	0,8	34,5	1,1	36,7	1,2	58,9	2,3
Espanha	0,5	0,0	20,4	0,7	48,6	1,6	14,7	0,5	7,0	0,3
França	26,8	1,1	22,3	0,8	9,6	0,3	12,0	0,4	1,7	0,1
Outros	56,5	2,5	19,7	0,7	9,4	0,3	17,0	0,6	19,4	0,7
Subtotal	534,9	22,4	309,5	11,8	404,7	13,2	285,2	9,4	176,0	6,8
Outras flores frescas										
Itália	107,2	4,5	154,9	5,9	91,6	3,0	142,0	4,7	139,3	5,4
EUA	10,2	0,4	16,5	0,6	19,2	0,6	20,8	0,7	86,3	3,3
Holanda	23,2	1,0	89,8	3,4	89,2	2,9	81,8	2,7	41,4	1,6
Rep. Fed. Alemanha	10,0	0,4	1,9	0,1	1,1	0,0	8,1	0,3	8,6	0,3
Reino Unido	24,6	1,0	20,6	0,8	10,3	0,3	0,9	0,0	8,0	0,3
Outros	39,0	1,7	32,7	1,2	12,2	0,4	40,7	1,3	20,7	0,8
Subtotal	214,2	9,0	316,4	12,0	223,6	7,3	294,3	9,7	304,3	11,7
Flores secas avulsas ou montadas em arranjos										
EUA	430,4	18,0	547,9	20,8	569,5	18,6	524,4	17,3	607,1	23,4
Itália	73,6	3,1	149,1	5,7	238,0	7,8	142,3	4,7	211,3	8,1
Espanha	30,5	1,3	24,6	0,9	56,1	1,8	78,5	2,6	23,5	0,9
Holanda	45,3	1,9	78,2	3,0	63,3	2,1	72,7	2,4	52,1	2,0
Rep. Fed. Alemanha	64,6	2,7	123,5	4,7	45,4	1,5	85,1	2,8	45,8	1,8
Japão	167,8	7,0	126,9	4,8	221,6	7,2	151,8	5,0	50,0	1,9
Austrália	92,7	3,9	120,4	4,6	88,7	2,9	63,3	2,1	67,0	2,6
Outros	153,1	6,3	114,0	4,3	192,2	6,3	228,1	7,5	224,3	8,6
Subtotal	1.058,0	44,2	1.284,5	48,9	1.474,8	48,1	1.347,1	44,5	1.281,1	49,4
Folhas e folhagens secas e frescas p/ arranjos										
Itália	259,6	10,8	243,3	9,2	255,6	8,3	281,1	9,3	223,2	8,6
Rep. Fed. Alemanha	46,3	1,9	73,8	2,8	150,3	4,9	77,1	2,5	107,9	4,2
EUA	105,8	4,4	240,9	9,1	163,1	5,3	180,6	6,0	74,4	2,9
Holanda	29,3	1,2	22,0	0,8	45,8	1,5	47,7	1,6	51,9	2,0
Espanha	20,8	0,9	21,7	0,8	18,0	0,6	56,6	1,9	56,4	2,2
Outros	59,9	2,6	39,4	1,5	68,9	2,2	71,3	2,3	78,2	3,0
Subtotal	521,7	21,8	641,1	24,4	701,7	22,9	714,4	23,3	592,0	22,8
Total	2.392,0	100,0	2.628,1	100,0	3.063,5	100,0	3.024,2	100,0	2.591,6	100,0

⁽¹⁾ Dados de janeiro a novembro de 1987.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA), a partir de dados básicos da CACEX (9) para o período 1983-86 e obtidos diretamente da CACEX para 1987.

grande número de variedades de gladiolos foi importado e testado por produtores daquela cooperativa; a não adaptação ao clima e a suscetibilidade a pragas e doenças diminuiu, drasticamente, o número daquelas que permanecem atualmente em cultivo.

É elevada a participação das exportações de flores secas no total das exportações brasileiras – cerca de 50% em 1987. Entre os grandes compradores dessas flores, encontram-se EUA, Itália, Espanha, Holanda, República Federal da Alemanha, Japão e Austrália. Parte desse material comercializado deve ter outro fim que a simples ornamentação, pois é exportado em fardos e, possivelmente, deve ser utilizado para extração de algum princípio ativo pela indústria química. Este último comentário é de MARX (17).

De modo geral, os principais países importadores de flores frescas e secas produzidas no Brasil nos últimos anos foram EUA, com 32% do total das exportações brasileiras em 1987, Itália (24%), República Federal da Alemanha (13%), Holanda (7%) e Espanha (3%).

As exportações brasileiras de bulbos, tubérculos, rizomas e correlatos, somadas às de mudas de diversas plantas ornamentais, atingiram 2,8 milhões de dólares em 1987, cifra crescente nos últimos cinco anos. Destacam-se as exportações de bulbos de gladiolo, begônia e gloxínia, com 11% do valor total exportado; as mudas de orquídeas (7,0%); de dracenas e cordilines (4%); e incluso no item mudas de outras plantas ornamentais, com cerca de 56% do valor total, os vasos floridos com crisântemos, gloxínias, begônias, ciclamens, violetas africanas, etc., vasos com folhagens tropicais, tais como filodendros, comigo-ninguém-pode, marantas, alocásias e outras, além de vasos com cactos enxertados, de grande aceitação na CEE (quadro 9).

O principal país importador dessa produção é a Holanda, com cerca de 66% do valor total das exportações em 1987, seguido pela Argentina (8%), EUA e República Federal da Alemanha (5% cada um).

5 - PROCEDIMENTOS LEGAIS PARA EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

O comércio de flores e de plantas ornamentais tem enfrentado dificuldades adicionais por conta dos procedimentos legais necessários para realizá-lo, apontadas por diversos produtores nas reportagens de RODRIGUES (21) e MINZON (18). Procurou-se verificar a procedência dessas críticas.

De acordo com informações recentes da CACEX (20), os exportadores de flores e plantas ornamentais devem estar registrados no seu Cadastro de Exportadores e Importadores. Esse seria o primeiro passo para exportação e/ou importação. Estão dispensadas desse registro as pessoas físicas ou jurídicas que realizem exportações até US\$ 10 mil por ano.

A exportação de flores e de plantas ornamentais deverá estar amparada na Guia de Exportação, preenchida pelo exportador e emitida pelas agências da CACEX. No caso das flores e das mudas ornamentais, essa Guia de Exportação pode ser emitida posteriormente ao embarque da mercadoria, CACEX (2).

Essas exportações estariam, ainda, sujeitas a algumas limitações ou procedimentos especiais, quais sejam: as plantas vivas e produtos da floricultura devem apresentar, por ocasião do embarque, o certificado fitossanitário da Secretaria de Defesa Animal e Vegetal, do Ministério da Agricultura (MA); a anuência prévia do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), no caso das plantas ornamentais (bulbos de begônia, gladiolo e gloxínia; bulbos de outras flores; mudas de orquídeas; mudas de outras plantas ornamentais exceto orquídeas; folhagens, folhas e ramos e outras partes de plantas; ervas, musgos e líquens para ornamentação, frescos ou secos, tintos ou não) provenientes de florestas naturais, mesmo que cultivadas em viveiros, orquidários ou estabelecimentos semelhantes; e a anuência prévia do MA, no caso de mudas de vinhas, orquídeas e de outras plantas ornamentais.

QUADRO 9. - Valor das Exportações Brasileiras de Bulbos e Mudas de Plantas Ornamentais, Principais Países Importadores, 1983-87

(em US\$1.000 FOB)

Produto e País importador	1983		1984		1985		1986		1987 ⁽¹⁾	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Bulbos de begônia, gladiolo e gloxínia										
Holanda	174,0	10,0	466,0	19,1	459,7	17,4	322,3	11,3	259,4	9,3
Espanha	17,3	1,0	8,1	0,3	14,3	0,5	-	-	-	-
Argentina	-	-	-	-	36,0	1,4	107,7	3,8	28,9	1,0
Uruguai	8,0	0,5	7,1	0,3	8,6	0,3	10,8	0,4	9,5	0,3
Outros	9,3	0,5	0,5	0,0	0,9	0,0	0,7	0,0	4,4	0,2
Subtotal	208,6	12,0	481,7	19,7	519,5	19,6	441,5	15,4	302,2	10,8
Bulbos de outras flores										
EUA	-	-	0,4	0,0	0,5	0,0	-	-	-	-
Rep. Fed. Alemanha	-	-	5,0	0,2	-	-	-	-	-	-
Holanda	0,3	0,0	-	-	1,5	0,1	9,3	0,3	31,2	1,1
Outros	4,4	0,2	5,2	0,2	0,2	0,0	-	-	0,1	0,0
Subtotal	4,7	0,2	10,6	0,4	2,2	0,1	9,3	0,3	31,3	1,1
Mudas de orquídeas										
Rep. Fed. Alemanha	12,5	0,7	29,2	1,2	32,2	1,2	48,6	1,7	64,2	2,3
EUA	95,1	5,5	77,5	3,2	76,8	2,9	66,0	2,3	63,3	2,3
Japão	10,7	0,6	23,6	1,0	12,7	0,5	11,6	0,4	23,5	0,8
Austrália	2,4	0,1	8,3	0,3	10,5	0,4	9,7	0,3	4,5	0,2
Holanda	7,7	0,4	6,1	0,2	1,0	0,0	10,9	0,4	2,9	0,1
Reino Unido	3,7	0,2	5,3	0,2	1,0	0,0	4,6	0,2	4,6	0,2
Outros	15,5	0,9	7,3	0,3	16,7	0,6	40,7	1,4	33,9	1,2
Subtotal	147,6	8,5	157,3	6,4	150,9	5,7	192,1	6,7	196,9	7,0
Mudas de dracenas										
Espanha	18,8	1,0	1,5	0,1	38,7	1,5	72,5	2,5	61,9	2,2
Japão	31,5	1,8	54,1	2,2	149,6	5,6	69,6	2,4	27,5	1,0
França	27,5	1,6	18,5	0,7	28,4	1,1	34,2	1,2	27,7	1,0
Holanda	-	-	30,0	1,2	67,2	2,5	-	-	-	-
Itália	-	-	9,0	0,4	11,9	0,4	7,8	0,3	-	-
Outros	14,9	0,9	0,3	0,0	5,4	0,2	20,9	0,7	6,5	0,2
Subtotal	92,7	5,3	113,4	4,6	301,2	11,4	205,0	7,2	123,6	4,4
Mudas de outras plantas ornamentais										
Holanda	754,2	43,5	1.002,7	41,1	1.064,7	40,2	1.320,9	46,2	1.567,7	55,9
Rep. Fed. Alemanha	127,1	7,3	88,2	3,6	81,8	3,1	95,6	3,3	76,7	2,7
EUA	190,3	11,0	263,7	10,8	253,5	9,6	202,6	7,1	85,0	3,0
Canadá	0,4	0,0	22,5	0,9	34,0	1,3	22,2	0,8	20,9	0,7
Argentina	142,2	8,2	248,1	10,2	195,2	7,4	236,5	8,3	191,4	6,8
Uruguai	3,1	0,2	18,0	0,7	9,8	0,4	3,9	0,2	3,9	0,1
Outros	61,7	3,6	32,8	1,3	36,5	1,4	130,0	4,6	203,0	7,2
Subtotal	1.279,0	73,8	1.676,0	68,7	1.675,5	63,2	2.011,7	70,3	2.148,6	76,7
Total	1.732,6	100,0	2.439,0	100,0	2.649,3	100,0	2.859,6	100,0	2.802,6	100,0

(1) Dados de janeiro a novembro de 1987.

Fonte: Elaborado no Instituto de Economia Agrícola (IEA), a partir de dados básicos da CACEX (9) para o período 1983-86 e obtidos diretamente da CACEX para 1987.

A Guia de Exportação, seu anexo e Aditivo, são documentos emitidos pela CACEX que devem ser preenchidos à máquina, em oito vias, pelo exportador e pela CACEX. Esses documentos compreendem, no caso da Guia, 64 campos; do anexo, 12 campos; e do Aditivo, 5 campos; acompanha uma relação de códigos que deverá ser utilizada nesse preenchimento.

Como se não bastasse tal dificuldade, além da Guia o produtor/exportador de sementes e mudas, e aqui se inclui o produtor de mudas ornamentais, deve estar registrado no Ministério da Agricultura como tal. Para exportar sementes ou mudas deve encaminhar, em 5 vias, pedido de autorização para exportação à Delegacia Federal de Agricultura (DFA), de sua Região.

Essa Delegacia submeterá seu pedido de exportação à apreciação da Secretaria Nacional de Produção Agropecuária (SNAP), que emitirá parecer sobre a conveniência ou não da exportação, compatibilizando-a com as necessidades do abastecimento interno do País, situação essa descabida no caso das plantas ornamentais.

Adicionalmente, a DFA exige o Certificado Fitossanitário, concedido pelo Serviço de Defesa Sanitária Vegetal (SERDV), mediante exame do material a ser exportado e a Guia Florestal, fornecida pelo IBDF⁽⁴⁾. Essa Guia é fornecida pelo IBDF sem qualquer outra exigência no caso de exportação de plantas ornamentais comprovadamente cultivadas, sendo livre a exportação de flores de orquídeas, desde que não acompanhadas pelas plantas.

Os procedimentos para fornecimento da Guia Florestal pelo IBDF também são complicados. Todas as pessoas físicas ou jurídicas que consumam, explorem ou comercializem matéria-prima florestal deverão se registrar como tal junto ao IBDF. Essas pessoas serão enquadradas nas seguintes categorias: coletor, comerciante ou viveirista de plantas ornamentais, medicinais, aromáticas, tóxicas e cultiváveis. A coleta, o comércio e o transporte de plantas or-

namentais, pertencentes à divisão das Pteridófitas e às famílias Orquidacea, Bromeliacea, Cactacea, Dicksoniacea e Aracea, oriundas de florestas nativas, dependem de autorização prévia do mesmo órgão.

A exportação de plantas ornamentais só é permitida às firmas que disponham de viveiros, orquidários e instalações similares. Para espécies relacionadas nos Anexos da Convenção sobre Comércio Internacional das Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (CITES), será necessário a emissão de licença de exportação pelo IBDF, nos moldes dessa Convenção, emissão essa centralizada em Brasília, o que muitas vezes dificulta e atrasa o processo⁽⁵⁾.

Como resultado, a exportação de flores e de plantas ornamentais não é procedimento simples; pelo contrário, a burocracia acaba encaminhando o produtor aos despachantes e/ou agentes exportadores, corroendo parte de sua receita.

Segundo a CACEX (3), com relação às importações de sementes e/ou mudas de plantas ornamentais, que futuramente virão a servir de matrizes, os procedimentos também são complicados. Também os importadores (produtores e/ou comerciantes de sementes e/ou mudas) deverão registrar-se como tal junto à CACEX. Essas importações deverão ser acompanhadas da Guia de Importação, emitida previamente ao embarque da mercadoria no exterior, e da autorização da DFA. Essa autorização para a importação depende da seguinte documentação: Pedido de Importação, em cinco vias, e Comprovação de Preço.

Como a importação de sementes e mudas de espécies vegetais pode ser isentada de imposto, taxas, direitos alfandegários e liberação aduaneira, a DFA exige documentação suplementar para providenciar essa isenção, qual seja: o pedido de isenção de imposto sobre a importação e o visto para a liberação aduaneira, em seis vias; a via do pedido de importação; a

⁽⁴⁾ Portaria nº 93 do MA, de 14/04/82.

⁽⁵⁾ Portaria Normativa nº 122, de 19/03/1985; MA/IBDF.

fatura comercial; o boletim de análise, emitido no país de origem, com base nas Normas da Associação Internacional de Análise de Sementes e a descrição do cultivar importado (6).

Portanto, também não são simples os procedimentos para a importação de sementes e mudas de plantas ornamentais que virão a servir de matrizes para os produtores.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos deste trabalho era reunir as informações estatísticas disponíveis sobre o setor produtor de flores e plantas ornamentais no Brasil. Do levantamento realizado, percebe-se a lacuna existente, principalmente, com relação às estatísticas de produção, já que as de comercialização interna e externa existem em disponibilidade aceitável. Mesmo no Estado de São Paulo, as estatísticas disponíveis de produção apresentam problemas de compatibilidade com as de comercialização, tanto em relação às unidades utilizadas como às quantidades produzidas e comercializadas, principalmente. Qualquer tentativa de melhor adequação nesses levantamentos traria grandes benefícios.

No tocante às características relativas ao tamanho das áreas cultivadas pelos produtores de flores e plantas ornamentais, sendo esta atividade, como as demais atividades hortícolas, demandante de pouca área de cultivo, poderia ser incentivada como fonte alternativa de renda para os pequenos proprietários de terra, particularmente junto aos grandes centros consumidores.

A concentração da produção destinada à exportação nas Regiões Sul e Sudeste explica-se pela proximidade dos locais de embarque dos produtos perecíveis da floricultura - os aeroportos dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A melhor adequação de outros aeroportos do País com relação ao equipamento necessário à estocagem desses produtos pode-

ria incentivar a formação de novos focos de produção, descentralizando-a.

No caso do comércio interno, particularmente aquele de bulbos, rizomas, etc., e de mudas de plantas ornamentais, onde se conta com a possibilidade de efetivar a venda através dos serviços de correio, percebe-se que as formas de comercialização desses produtos não se encontram esgotadas. Existem diversas possibilidades, as quais, é claro, poderão evoluir se, além dos incentivos específicos para esse tipo de comércio, houver melhoria dos serviços de correio e de transportes aéreo, rodoviário e ferroviário. Uma política voltada à padronização e à legislação adequada deveria ser discutida e implementada de modo a estimulá-las.

Com relação ao comércio atacadista do Estado de São Paulo, notou-se crescimento, em termos de quantidades comercializadas, na maioria das flores e plantas ornamentais, nos últimos cinco anos e decréscimos em alguns casos. O alto custo de produção de alguns tipos de flores (crisântemos de flores únicas por cabo, antúrios e orquídeas) frente às demais e a diversificação da demanda interna por flores mais duráveis que gladiolos, por exemplo, explicam tal comportamento. Esses casos e, principalmente, a questão da sazonalidade da oferta talvez pudessem ser sanados pela pesquisa, no sentido de se desenvolver novas espécies sucedâneas, variedades e híbridos ou mesmo técnicas de cultivo, buscando uniformizar a oferta no ano e, em alguns casos, diminuir seus custos.

A oferta mais regular de produtos no transcorrer do ano é objetivo importante não apenas para os consumidores, mas também para os produtores; no caso dos primeiros, a oferta regular, eliminando os períodos de escassez dos produtos, resultaria em preços mais acessíveis, com menor amplitude de variação; no caso dos produtores, a oferta regular, ao invés da busca de preços elevados na entressafra, resultaria em preços e renda estáveis.

Nesse sentido, não apenas aspectos técni-

(6) Portaria nº 437, MA, de 25/11/85.

cos das culturas podem concorrer para esse objetivo, mas também a organização dos produtores em cooperativas e associações, haja vista o exemplo dos agricultores da Cooperativa Holambra I.

Quanto ao comércio externo de flores, verificou-se o decréscimo nas exportações de gladiolos nos últimos cinco anos, explicado pelo número de variedades atualmente em cultivo no Brasil e flexibilidade e dinamicidade da demanda nos países europeus. O lado técnico desse problema poderia ser resolvido, possivelmente, com programa de pesquisa específico, objetivando não apenas a importação e o teste de novas variedades, como também a produção de novos híbridos e clones adaptados às condições brasileiras, além de adequados, às exigências do mercado externo.

A exportação de plantas ornamentais vivas, embora crescente, poderia ter maiores incrementos, pois, embora se tenha condições climáticas e custos de produção favoráveis, têm ocorrido problemas advindos da dificuldade de exportação, importação e desenvolvimento de novas matrizes, variedades ou espécies.

Não se dispõe, ao contrário do que ocorre na Europa e nos EUA, de viveiristas e instituições governamentais especializadas no desenvolvimento de novas variedades e híbridos, apesar dos esforços recentes do Instituto Agrônomo de Campinas, do Estado de São Paulo. Os subsetores produtivos contam apenas com a abnegação de amadores no sentido da criação e/ou introdução de novas plantas. Constituem exceções as produções de rosas e de orquídeas, pois o País conta com grande número de espécies na flora, no caso das últimas, e de alguns viveiristas tradicionais já citados, os quais mantêm coleção de variedades, verdadeiros "bancos de germoplasma", e desenvolvem novos híbridos e mericlones (clones meristemáticos) de plantas selecionadas, porém com grandes dificuldades de ordem econômica e burocrática na importação de matrizes.

Aliás, a questão das dificuldades burocráticas no processo de exportação e importação de flores e plantas ornamentais ficou evidenciada

e comprovada no estudo efetuado. Nesse sentido, qualquer diligência por parte do Ministério da Agricultura e da CACEX, objetivando facilitar os procedimentos burocráticos, seria bem vinda e incentivaria sobremaneira o incremento das exportações do setor.

LITERATURA CITADA

1. ACAR/CHORT. *Perfil estadual do projeto floricultura em Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1976. 21p. mimeo.
2. BANCO DO BRASIL. CACEX. *Comunicado CACEX 182 de 27/10/87: normas administrativas que orientam as exportações*. Rio de Janeiro, 1987. 139p.
3. _____. *Comunicado 133 de 20/06/85: normas administrativas que orientam as importações*. Rio de Janeiro, 1985. 121p.
4. _____. *Flores para a Holanda. Informação Semanal CACEX*, Rio de Janeiro, 23 (1.060): 18-19, jan. 1988.
5. BOLETIM MENSAL CEAGESP. São Paulo, 1983-87.
6. CASTRO, Carlos E.F. & TUCCI, Maria L. *Floricultura: a hora e a vez da pesquisa*. *Casa da Agricultura*, Campinas, 5(3): 18-25, maio/jun. 1983.
7. CENSO AGROPECUÁRIO, 1980. Rio de Janeiro, v.2, T.3, n.19, part.1, 1984.
8. _____. Rio de Janeiro, v.2, T.3, nº 19, part.3, 1984.
9. COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL: exportação, 1983-86. Rio de Janeiro, Banco do Brasil, CACEX, 1984-87.

10. CRISCUOLO, Paulo D. et alii. Considerações sobre a roseicultura no Estado de São Paulo. *Informações Econômicas*, São Paulo, 8(4): 1-6, abr. 1978.
11. _____. *Perfil da roseicultura no Estado de São Paulo, 1976/77*. São Paulo, Secretaria da Agricultura. IEA, 1980. 56p. (Relatório de Pesquisa, 03/80)
12. CROCOMO, Celso R. & HOFFMANN, Rodolfo. *Varição estacional dos preços de produtos hortícolas no Estado de São Paulo no período 1964/71*. Piracicaba, ESALQ/USP, 1972. 93p. (Série Pesquisa, 18).
13. DECKER, J.S. Nosso orquidário mês por mês. *Boletim de Agricultura*, São Paulo, Número único, 1950.
14. HOFFMANN, Rodolfo. *Estatística para economistas*. São Paulo, Pioneira, 1980. 379p.
15. INTERNATIONAL TRADE STATISTICS YEARBOOK, 1985. New York, United Nations, 1987. v.2.
16. MATTHES, Luiz A.F. et alii. *Programa integrado de pesquisa: flores e plantas ornamentais*. São Paulo, Secretaria de Agricultura, CPA, 1985. 28p.
17. MARX, Roberto B.; TABACOW, José W.; ONO, Haruyoshi. Plantas bem brasileiras. In: POPPOVIC, Pedro Paulo. ed. *Plantas dentro de casa*. Rio de Janeiro, Rio Gráfica e Editora, 1980. sp.
18. MINZON, Damaris B. Comércio de flores: uma atividade que promove o rápido retorno do capital empregado. *Casa da Agricultura*, Campinas, 7(4): 30-33, jul./ago. 1985.
19. MIRANDA, Marínez A.L. *Floricultura: diagnóstico da situação, medidas corretivas*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, CATI/DOT, 1970. 28p.
20. PASSOS DEFINIDOS. *Informação Semanal CACEX*, Rio de Janeiro, 22(1.028): 14-20, maio de 1987.
21. RODRIGUES, Márcia. Porque diminui o mercado de orquídeas. *Agricultura de Hoje*, São Paulo, 5(56): 20-24, fev. 1980.
22. SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, IAC. *Instruções agrícolas para o Estado de São Paulo*. Campinas, 1987 (Boletim 200)